

NOTAS SOBRE O CONCEITO DE TEXTO NA LINGUÍSTICA ECOSISTÊMICA

Hildo Honório do Couto (UnB)

“A linguagem é por essência diálogo, e todas as outras formas do falar destituem sua eficácia. Por isso eu creio que um livro só é bom na medida em que nos traz um diálogo latente, em que sentimos que o autor sabe imaginar concretamente seu leitor e este percebe como se dentre as linhas saísse u’a mão ectoplástica que tateia sua pessoa, que quer acariciá-la — ou bem, mui cortesmente, dar-lhe um murro”. (Ortega y Gasset, *Rebelião das massas*, p. 13).

R e s u m o : O objetivo central deste artigo é argumentar no sentido de que o texto não é a manifestação prototípica da atividade linguística. Para o ramo da ecolinguística chamado linguística ecossistêmica, o núcleo da linguagem é a interação comunicativa. Consequentemente, o produto mais genuíno dessa atividade é o diálogo. O texto, no entanto, é basicamente monológico. Assim sendo, o texto que mais se aproxima da prototipicidade é o dialógico, como a peça teatral. Por outro lado, como a linguística ecossistêmica encara seu objeto de modo holístico, o que se tem chamado de “texto monológico”, a maioria dos textos produzidos em nossa cultura ocidental, são tidos como produzidos por alguém, com vistas a que ele seja lido por outrem. Portanto, esses textos só se completam quando se completa o ciclo emissor-receptor e, se possível, quando há um retorno do segundo ao primeiro e vice-versa. Os linguistas ecossistêmicos partem dos atos de interação comunicativa para chegar a suas partes, entre elas o texto. As abordagens tradicionais fazem o contrário: partem do texto (uma coisa) e procuram pelo contexto em que ele emergiu.

P a l a v r a s - c h a v e : Texto; linguística ecossistêmica; dialogismo; interação comunicativa.

A b s t r a c t : The main objective of this article is to show that the text is not the prototypical manifestation of the language activity. According to the branch of ecolinguistics known as ecosystemic linguistics, the nucleus of language is communicative interaction. Therefore, the most genuine product of this activity is the dialog. However, the text is basically monological. In this case, dialogical texts are the kind of text that most approximate the ideal of ecosystemic text, like a play. Ecosystemic linguistics looks at its object from a holistic point of view. This implies that what has been called “monological text” in our occidental culture are seen as produced by somebody in order to be read by somebody else. In other words, these texts are complete only when the cycle sender-hearer is reached, i. e., when there is a feedback from the hearer to the sender and vice-versa. Ecosystemic linguists depart from the act of communicative interaction to its parts, one of which is the text. Traditional approaches to text act the other way round, from the text in search of its conditions of production

Key words : Text; ecosystemic linguistics; dialogismo; communicative interaction.

1. Introdução

Esta não é a primeira vez que me debruço sobre a questão do texto. No início dos anos setenta do século passado, eu desenvolvi uma atividade de ensino de redação para alunos de quinta série. O objetivo principal era mostrar que é possível levá-los a sentir prazer com a tarefa de fazer redação. Uma síntese dos resultados foi publicada em Couto (1976) com o título de “Ridendo discitur” (é rindo que se aprende), depois retomada e ampliada em um curso de ensino de redação à distância, pela Universidade de Brasília, sob o nome de *A redação como libertação* (Couto 1988). Já na segunda década do ano de dois mil, tentei embasar a prática teórica e filosoficamente em Couto (2012), em que tento mostrar que aquelas atividades cheias de entusiasmo, porém, sem muita informação teórica, estavam em perfeita sintonia com a visão de mundo do taoísmo e a visão ecológica de mundo da ecolinguística. Na época não havia preocupação com o que pudesse ser texto. Eu partia simplesmente da classificação tradicional dos textos em descritivos, narrativos e dissertativos. Pois bem, o objetivo do presente ensaio é tentar mostrar o lugar do conceito de texto na ecolinguística, sobretudo na linguística ecossistêmica. Até onde sei, sequer no contexto da ecolinguística em geral existe algo sobre o assunto. O único ensaio que o tangencia do ponto de vista da pragmática e da ecolinguística europeia é Mey (2016).

A **ecolinguística** vem sendo definida como estudo das relações entre língua e seu meio ambiente. O problema é que essa definição tem levado a mal-entendidos, como a reificação da língua: haveria a coisa “língua” relacionada a outra coisa, seu “meio ambiente”. Talvez por isso tenha surgido um ramo da disciplina chamado **linguística ecossistêmica** (LE), exposta em Couto (2015) e Couto, Couto & Borges (2015), entre outras publicações, que evitam essa reificação. Como o nome já diz, a LE toma o conceito central da ecologia, **ecossistema**, como fonte para suas bases epistemológicas. O ecossistema consiste de uma população de organismos (P), vivendo em seu território (T) e as interações (I), que se dão entre eles. Essas interações são o conceito central do ecossistema. Se o ecossistema biológico é PTI, o **ecossistema linguístico** é PTL, ou seja, nele as interações são a própria língua (L). Linguístico-ecossistemicamente, língua é interação, comunicação, não instrumento para interação ou comunicação. As interações ecossistêmicas podem ser: a) interação organismo-organismo, equivalente à **comunicação**, e b) interação organismo-mundo (T), equivalentes à **referência** e, no caso do texto, à **descrição** e à **narração**. Como se vê no quadro apresentado na seção seguinte, o núcleo da língua/linguagem é a interação, melhor dizendo, a **interação comunicativa**, inserta na **ecologia da interação comunicativa**. Esta consta de um **falante** (F), um **ouvinte** (O), o que o falante diz ao ouvinte, ou seja, o enunciado ou **texto** (T). O texto por seu turno tem uma representação material, sua **expressão** (E) e se reporta a determinado assunto, que é o **conteúdo** (C) do texto. Esse assunto ou conteúdo é expresso por ELE₁ (aquele ou aquilo que está do lado do falante ou que tem a ver com ele) e ELE₂ (aquele ou aquilo que está do lado do ouvinte ou que tem a ver com ele). ELE₁ e ELE₂ juntos formam ELES.

Tudo isso no **cenário** da ecologia da interação comunicativa. Há muita coisa mais a ser dita, mas, por razões de espaço, remeto o(a) leitor(a) às obras recém-mencionadas.

Por ser a LE uma disciplina relativamente nova, ainda não há muitos estudos de casos aplicando seu arcabouço teórico. Sobre o ‘discurso’ já existe um pouco de literatura ecolinguística, como Couto, Couto & Borges (2015), que é uma apresentação da parte da LE dedicada à análise de discursos, a **análise do discurso ecológica** (ADE). Infelizmente, ainda estão faltando reflexões sobre o texto. Talvez Mey (2010), apesar de ser um pragmaticista, possa ser considerado a primeira tentativa de fazê-lo, sem usar a expressão ‘linguística ecossistêmica’, mas apresentado em um evento de Ecolinguística.

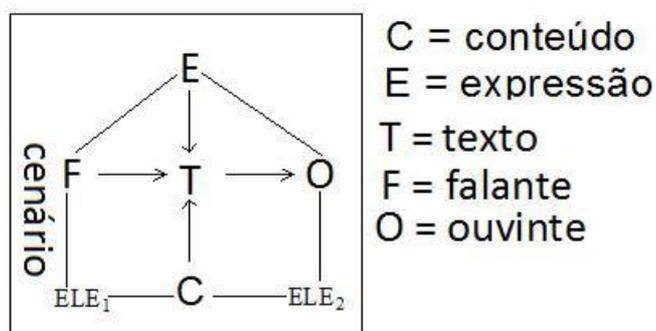
Diante do exposto, o objetivo principal deste ensaio é tentar conceituar texto na linguística Ecolinguística. Como linguístico-ecossistemicamente língua é interação, toda manifestação linguística deve ser encarada dessa perspectiva, inclusive o texto. Consequentemente, para a LE, o texto “natural”, prototípico e espontâneo é o dialógico. Todas as demais formas de texto representam algum grau (maior ou menor) de distanciamento dessa situação prototípica.

Atualmente, já há uma literatura considerável sobre a teoria do texto, inclusive a "linguística do texto (*Textlinguistik*)" e/ou “gramática do texto” (*Textgrammatik*), desenvolvida, sobretudo, nos países de língua alemã. O que pretendo fazer aqui não é chover no molhado, repetindo o que já foi dito zilhões de vezes sobre texto, mas mostrar o lugar dele na versão da ecolinguística chamada linguística ecossistêmica. De qualquer forma, quando o conceito de “discurso” – no sentido das teorias de análise do discurso – estiver implícito, usarei o termo composto **texto-discurso**, por motivos que estão amplamente justificados em Todorov (1988) e Greimas & Courtés (1989, p. 124-130, 461-462). Obviamente, essa concepção deve levar em conta as categorias ecolinguísticas, em especial, e, é claro, as ecológicas, em geral. Entre as categorias, uma das mais importantes é a da ecologia da interação comunicativa (EIC), pois é nela que surge o enunciado (E), de que o texto (T) é uma espécie.

Enfim, é da interação comunicativa resultam enunciados que serão qualificados como textos. Como tanto F quanto O podem estar *in praesentia* (face a face) ou *in absentia* (F distante de O), diversos recursos podem ser mobilizados em cada caso. No caso de estarem face a face, ocorre ou o diálogo normal ou narrativas como as que são comentadas em outro lugar deste ensaio. Se F estiver distante de O, ou se sequer souber que haverá um O, a mensagem (texto) pode ser escrita (carta, telegrama, romance, poesia etc.), mas pode ser oral com o auxílio da tecnologia (telefonema). Atualmente, o recurso do WhatsApp junta as duas possibilidades, ou seja, a mensagem pode ser escrita ou oral.

2. O texto linguístico-ecossistêmico

No contexto da linguística ecossistêmica, o texto é visto como um enunciado que faz parte de uma ecologia de interação comunicativa. Por esse motivo, a maioria dos textos foge um pouco do que é mais natural na linguagem, a interação comunicativa entre falante (F) e ouvinte (O)*. A interação comunicativa exige uma relação direta, prototipicamente face a face, entre F e O. O texto, ao contrário, geralmente é produzido por um F na ausência de O, só imaginado, ou esperado. Para entender melhor o lugar que o texto ocupa na ecologia da interação comunicativa e, conseqüentemente, na linguagem em geral, partamos da figura a seguir, adaptada de Couto, Couto & Borges (2015: 139).



Essa figura mostra que todo texto (T) é produzido por F e dirigido a O. Ele só se completa após ser recebido e interpretado por O. Ele consta de algo material, a sua expressão (E), produzida por F geralmente sob a forma sonora, embora em alguns casos os sons possam ser substituídos por outros meios, como a escrita por exemplo. Esse veículo material, digamos assim, está associado a um assunto, no caso, o conteúdo (C) que é aquilo a que F se reporta, ou seja, aquilo de que fala (ou escreve). Tudo isso se passa no contexto de um cenário. Juntando tudo isso, temos a ecologia da interação comunicativa (EIC). Os tratamentos tradicionais de texto geralmente partem de T e tentam recuperar F, O, E, C e cenário, se e quando o fazem. Mais ou menos como se faz na linguística da enunciação. Como disse Mariás (1960: 16), “não é só o texto que fala: tão eloquente como ele é o *contexto*”. Vale dizer, o texto não é uma ilha. Ele é apenas um dos componentes do ato de interação comunicativa.

O assunto ou conteúdo (C) da interação comunicativa é preferencialmente ELE₁ (aquilo/aquele que está no lado de F) ou ELE₂ (aquilo/aquele que está no lado de O), como se vê na ligação de C aos dois. Quando o âmbito do que se fala (C) vai se alargando, tanto ELE₁ quanto ELE₂ podem ser substituídos por nomes de coisas ou fenômenos, o que mostra que os nomes são substitutos dos pronomes. Mas, F pode falar também de qualquer uma das demais categorias do quadro (E, T, O, F, cenário). Quando o assunto (C) for F, este pode ser referido como *me, mim, comigo* e

ECO-REBEL

respectivos pronomes possessivos, além de *eu*, é claro. Quando for O, este pode ser referido como *te*, *ti*, *contigo* e pronomes possessivos, além de *tu*.

A linguagem é algo “natural”, espontâneo nos seres vivos e, sobretudo, nos humanos. Tanto que já foi proposta uma figura representando a árvore da linguagem (COUTO, 2015), por sugestão da “árvore do conhecimento” de Maturana & Varela (2011). A figura mostra ainda que a manifestação do texto, sua expressão (E), lembra a cumeeira de uma casa. Se a linguagem (e a língua) como um todo foi representada por uma árvore, algo dinâmico e vivo, no interior da ecologia da interação comunicativa a parte que tem a ver com o texto diretamente de certa forma constitui uma casa, que é um artefato, do qual pelo menos a manifestação material (E) é o teto, não os esteios, os baldrames, as paredes ou as vigas. Vale dizer, o texto não é parte da base da linguagem, mas de algo que está o mais distante possível dela.

A linguística ecossistêmica, pelo menos na medida do possível, parte do processo do interior do quadrado, ou seja, da EIC, para entender T. Tanto ela quanto os tratamentos tradicionais de texto veem nele um produto, algum tipo de enunciado. A grande diferença entre a visão ecolinguística e a tradicional (retórica, AD, enunciação etc.) é o fato de a tradicional partir do próprio produto, além de supervalorizá-lo. Na melhor das hipóteses, procura pelas condições de sua produção. O ecolinguista também vê no texto um produto da interação, mas um produto que é parte de uma EIC. É claro que no caso de um romance é muito difícil partir do momento em que o escritor o produziu e o leitor o leu, ou seja, é praticamente impossível abarcar esse processo como um todo, como um ato de interação comunicativa. É impossível reconstruir a EIC que lhe deu origem. No caso de textos filosóficos, científicos, de ficção ou poéticos, a dificuldade é ainda maior. No entanto, esse é o objetivo da concepção linguístico-ecossistêmica de texto. Ela faz um percurso no sentido contrário ao da tradição. Esta vai do produto para o processo de produção, à vezes ficando só no produto. A linguística ecossistêmica vai do processo de interação comunicativa para o seu resultado, às vezes ficando só no processo de produção, sendo o “produto” um componente desse processo. Do contrário tratar-se-ia de um texto morto, como alguém já disse. Enfim, os textos que Bakhtin chamou de monológicos não são o objeto preferencial da linguística ecossistêmica, embora ela não os ignore, justamente por encarar seu objeto de uma perspectiva holística.

Um autor que tem uma posição muito semelhante à defendida aqui é José G. Hilgert. Ele afirma que “todo texto, como enunciado, é produto da enunciação, a qual pressupõe um *eu* enunciador, cuja existência institui um *tu* enunciatário. Tal fato implica admitir que todo texto tem natureza dialogal”. Ainda em sua opinião, “a natureza dialogal determina, portanto, a produção de qualquer tipo de texto, uma vez que, conhecendo o destinatário, o destinador atribuirá características específicas a seu texto em função do interlocutor”. Enfim, “o leitor e o ouvinte sempre serão participantes ativos na construção do texto” (HILGERT, 2002: 89), remetendo a Kerbrat-

Oricchioni. Na conclusão ele afirma que “qualquer texto tem natureza interacional, já que a existência do enunciado pressupõe o enunciador, ou seja, pressupõe um *eu* que se institui simultaneamente a um *tu*. Este princípio, portanto, atribui caráter dialogal a qualquer texto” (p. 121).

Linguístico-ecossistemicamente, o texto pode consistir de apenas uma oração, como *O caçador matou o leão*, ou *Eu matei o leão*, se o ato tiver sido praticado pelo próprio narrador (F). A oração declarativa pode ser considerada a **narrativa mínima**. Nesse caso, isolou-se o que F proferiu de todo o complexo da EIC. Mas, o texto pode se constituir de mais de uma oração, o que é mais comum, como a conhecida expressão atribuída a Júlio César (cerca 47 a.C.) *veni, vidi, vici*, ou seja, *Vim, vi e venci*. Apesar de curto, esse texto contém três orações declarativas, logo, já não é uma narrativa mínima, embora ainda bastante simples. Na verdade, quando se fala em texto, está se pensando em enunciados de dezenas, centenas e até milhares de páginas, como um romance. Quem enuncia *O caçador matou o leão* pode dar detalhes do evento, especificando de qual caçador se trata, que leão ele matou, onde e quando o fato se deu, porque e como ele o matou. É assim que devem ter surgido as narrativas orais, parte integrante da literatura oral de vários povos, muito provavelmente inclusive de nossos ancestrais. Voltarei a elas abaixo.

Como produto da interação comunicativa, o texto é um artefato, embora um artefato *sui generis*. Como qualquer artefato produzido pela tecnologia, ao produzir seu texto F pode manipulá-lo, inclusive pondo enunciados e/ou diálogos de outros em seu interior. Como veremos na versão narracional do exemplo abaixo, o manipulador do diálogo (ou semidiálogo) pode acrescentar o que acha que está faltando para construir uma sequência de orações com coesão, sem sair do que acha que era a intenção original de F. Nesse sentido, o texto pode também ser considerado como a terceirização de um diálogo, uma vez que é posto em discurso indireto e/ou indireto livre por um terceiro, que não é ELE₁ nem ELE₂. No momento da reformulação, o reformulador passa a assumir o papel de F, embora, de novo, um F *sui generis*. De qualquer forma, diferentemente da maioria dos demais artefatos produzidos em nossa cultura, o todo do texto não é a mera soma das orações que o compõem. Ele é maior do que elas. Isso pode ser entrevisto na própria palavra “texto”, aparentada de “textura”, “tessitura”, “tecido” e “tecer”, que envolvem estruturação, organização.

Eu disse que não iria citar nada da quilométrica lista de publicações que existem sobre texto. No entanto, pelo menos uma citação eu gostaria de fazer. Trata-se de uma curta caracterização de texto feita por (Halliday & Hasan, 1976: 1-2). De acordo com eles, texto é

[Um termo] usado na linguística para se referir a qualquer passagem – falada ou escrita – de qualquer extensão, que forma um todo unificado [...]. Um texto é uma entidade da língua em uso, não uma entidade da língua. Ele não é uma unidade gramatical, como uma oração ou um período,

e não é definido pelo tamanho [...]. Um texto é mais apropriadamente considerado uma unidade SEMÂNTICA; uma unidade não de forma, mas de conteúdo.

Vê-se, portanto, que, para esses autores, primeiro o texto é parte de uma interação comunicativa: “o texto é uma entidade da língua em uso”. Segundo, ele é definido pelo assunto: “um texto é mais apropriadamente considerado uma unidade SEMÂNTICA; uma unidade não de forma, mas de conteúdo”, que é justamente o que a linguística ecossistêmica defende. Tanto que na figura é o conteúdo (C) que se encontra na base, não a expressão (E). Terceiro, é só depois de tudo isso que o texto é encarado como um produto: “[Um termo] usado na linguística para se referir a qualquer passagem – falada ou escrita – de qualquer extensão, que forma um todo unificado [...]”. Quarto, o texto tem coerência e coesão internas, ele não é uma mera soma de palavras, frases, orações, embora digam que “ele não é uma unidade gramatical, como uma oração ou um período, e não é definido pelo tamanho”. Os autores deixam implícito que tem que haver uma amarração, uma tessitura, a fim de que haja a textura dada pela “sequencialidade” temporal, um antes, um durante e um depois (no nível natural), além de uma sequencialidade espacial. Tem que haver o reconhecimento individual da associação entre os elementos (nível mental), seguido do reconhecimento coletivo de tudo isso (nível social) (cf. MEY 2016).

A interação da qual o texto é um produto, a ecologia da interação comunicativa, é apenas uma das duas interações linguísticas fundamentais da linguística ecossistêmica, ou seja, a interação organismo-organismo da ecologia, no caso presente, interação pessoa-pessoa ou falante-ouvinte (F-O). Pois bem, a definição de Halliday & Hasan recém-vista, lembra a segunda interação fundamental da atividade linguística, que é o fato de F se dirigir a O para lhe falar de algo, o assunto ou conteúdo (C). Como esta é a relação organismo-mundo da ecologia, na interação comunicativa o conteúdo tem a ver com a interação pessoa-mundo (natural, mental, social). Essa interação pode ser referência (da perspectiva de cada palavra do texto), descrição, narração ou dissertação, da perspectiva do texto.

Gostaria de terminar esta seção salientando que a ecologia da interação comunicativa geralmente dá lugar a “textos” multimodais. Assim, além dos textos orais ou seus substitutos escritos, pode haver textos que constam de: a) ingredientes verbais (palavra) mais ingredientes imagéticos; b) palavra mais som (música); c) palavra mais imagem mais som (vídeos, cinema etc.); d) palavra mais recursos proxêmicos e/ou cinésicos; e) palavra mais recursos proxêmicos/cinésicos mais música e assim por diante. Como mostram os semioticistas, todo e qualquer dado de uma cultura pode ser usado em uma interação comunicativa, logo, em princípio pode aparecer nos textos dela resultantes. Na linguística ecossistêmica, a língua (L) está inserida no ecossistema linguístico, como se vê figura a seguir.

ECO-REBEL

P
/ \
L----T

Ecosistema Linguístico

A cultura (C) está em um nível superior, num esquema exatamente igual, como se vê na figura a seguir, reproduzida de Couto (2017).

P
//\
/ / \
C--L----T

Ecosistema Cultural (CPT)

Ecosistema Linguístico (LPT)

Vale dizer, L é parte de C; a língua é parte da cultura, assim como o ecossistema linguístico é parte do ecossistema cultural. Não é de estranhar, portanto, que textos possam ser multimodais. Não é de estranhar tampouco que em seus atos de interação comunicativa os usuários da língua possam lançar mão de qualquer dado de sua cultura. A cultura é semiótica, sígnica, logo, é linguagem e, como linguagem, é comunicação (COUTO, 1981).

3. O texto narrativo

Linguístico-ecossistemicamente, e de um ponto de vista técnico, a narrativa é uma interação organismo-organismo relacionada a uma interação organismo-mundo. É a descrição de um evento para alguém. A hipótese mais plausível é a de que, filogeneticamente, os primeiros textos foram narrativas de experiências vividas pelos indivíduos da comunidade, como uma caça, ou seja, sua experiência com o mundo natural. Ao voltar de uma caça à tarde, por exemplo, um desses indivíduos deve ter tentado relatar a alguém ou a todo o grupo o que vivenciou (nível natural). Eventualmente, ele pode ter repetido esse tipo de narrativa individual, com o que deve ter começado a haver uma certa memória de fatos narrados na sua mente (nível mental). Com o passar do tempo, outros membros do grupo podem ter imitado esse primeiro narrador, emergindo sessões de narração, o que levou a narração a ser conhecida por toda a comunidade, ou seja, o fato começou a se coletivizar, passando a fazer parte da memória coletiva da cultura do grupo (social). Aparentemente, o mesmo deve ter acontecido no surgimento dos provérbios e das palavras e expressões da língua em geral. Vale dizer, o surgimento da língua e da própria cultura. Até os

ECO-REBEL

dias de hoje, ontogeneticamente, o surgimento desses fatos culturais deve seguir o mesmo percurso, ou algo semelhante.

Depois de as sessões de narração de eventos terem passado a fazer parte da cultura do grupo, certamente devem ter surgido alguns padrões; alguns hábitos foram se fixando. Com isso, foi surgindo o vocabulário necessário para a atividade de narração. Bem mais tarde, o narrador deve ter passado a usar algum termo para se referir a todas as entidades que compareciam em sua narração. Entre elas, o nome do animal que ele viu e/ou matou, as dificuldades que teve etc. Mas, ele teve necessidade de referir-se a si mesmo, com o que termos como *eu, me, mim, comigo* foram surgindo no emergente modo de os membros do grupo interagirem entre si. Mais tarde, a narrativa pode ter sido sobre algo que foi feito ou praticado por outra pessoa, portanto, o narrador falará em *ele (a)*. Aliás, *ele* certamente era usado também para caracterizar o objeto da narrativa, pelo menos quando as sessões de narração passaram a ser praxe.

A esmagadora maioria das teorias linguísticas, e não linguísticas, têm horror a qualquer menção ao mundo natural, ao mundo extralinguístico. No entanto, quando olhamos as coisas a fundo, sem preconceitos teóricos, as tipologias dos textos não fazem outra coisa que não seja classificá-los de acordo com aquilo de que tratam. Ora, o de que tratam os textos não é nada mais nada menos do que o assunto ou conteúdo (C), algo exterior à linguagem, o mundo (natural, mental, social). A única situação em que o texto não é classificado assim é a do texto artístico (e, talvez, a da lógica). Mas, nesse caso, trata-se de algo que certamente surgiu em época bem mais tardia. Na linguística ecossistêmica, todo enunciado assertivo (informação, declaração etc.) é resposta a uma pergunta mesmo que tácita. Esse enunciado pode ser afirmativo (*o caçador matou o leão*) ou negativo (*o caçador não matou o leão*). Mais genericamente, ele é uma satisfação a uma solicitação. Assim sendo, ao produzir um texto aparentemente monológico, o autor está "pressupondo" uma solicitação do potencial leitor, está de certa maneira levando-o em conta, supondo que alguém terá interesse em lê-lo, procurá-lo-á, o que é uma forma de indagação, de pergunta. O texto em si só se completará com a sua recepção pelo leitor que, em princípio, tentará recuperar a "intenção" do escritor. Só assim o texto estará em consonância com a dinamicidade (dialogicidade) da linguagem.

Uns tempos atrás eu estudei detalhadamente as narrativas africanas da Guiné-Bissau, presentes no crioulo português local, mas que, na verdade, são continuação das narrativas tradicionais étnico-africanas. Na prática de narração dessas *stórias*, como elas se chamam em crioulo, o caráter dialógico fica patente. O narrador se dispõe a narrar dizendo *ier ier*, ou seja, algo como "era uma vez". A audiência responde *iera certu*, mais ou menos "é verdade, era uma vez". Após esse preâmbulo, ele começa a contar a história. Ao terminar, geralmente ele diz *sin stória kaba*, "e assim a história termina" (Couto, 2009). Na tradição africana elas estiveram sempre associados ao canto, às vezes até de pássaros.

Nas adivinhas o caráter interlocucional é mais patente ainda. Certa feita, eu solicitei a alguém que me contasse algumas adivinhas para eu gravar. Com isso, ele propôs a fórmula tradicional *dibinha, dibinha*, algo como “o que é, o que é”, mas não exatamente igual, pois, para a brincadeira da adivinha ter continuidade a audiência precisa responder *dibinha certu*. Como eu não respondi, ele ficou parado, esperando. Nisso, alguém da audiência percebeu que eu não conhecia as regras do jogo da adivinha e respondeu por mim *dibinha certu*. Nisso meu informante propôs a adivinha: *I ta leba kumida, ma i ka ta kumell/kujer*. Em português seria: “Ela leva a comida, mas não a come”. Resposta: “a colher” (COUTO, 2005).

4. Outros tipos de texto

Em termos tradicionais, temos diversos outros tipos de texto, além dos textos narrativos, os descritivos e os dissertativos. Na verdade, toda narração é também um tipo de descrição. A diferença entre as duas, se é que se trata de diferença, é que a narração descreve um evento, algo se desenvolvendo. A descrição descreve algo estático. Assim sendo, as duas se entremesclam. Em toda narração pode haver algum tipo de descrição, e toda descrição pode conter algum tipo de narração. O texto “O pidão, o ladrão e o assassino” apresentado abaixo já sugere alguns exemplos disso.

Um membro de uma tribo africana há milhares de anos atrás com certeza deve ter sentido a necessidade de descrever algo do cenário em que o evento narrado se desenrolou. Pode ter querido descrever algo do animal caçado, seu tamanho, sua ferocidade e assim por diante. De qualquer forma, a modalidade de texto descritivo deve ter emergido em uma época posterior ao aparecimento da narrativa. Por fim, devem ter surgido os comentários sobre a valentia do caçador, que era muito corajoso, que mesmo enfrentando perigos não se acovardou e continuou tentando abater o animal feroz. Nesse ponto, o narrador estará expressando sua opinião, ou seja, não está narrando nem descrevendo nada, apenas comentando. Aí surgiram os textos abstratos, que se tem chamado de dissertativos. É claro que atualmente há uma grande quantidade de classificações dos textos abstratos, mas todos são, ao fim e ao cabo, dissertativos.

A própria narrativa de eventos concretos vivenciados pelo narrador levou a outro tipo de texto, o ficcional. Se a linguagem é aquilo que permite mentir, como disse Umberto Eco, após adquirir experiência na arte de narrar fatos vividos, o narrador pode ter percebido que poderia narrar também fatos de que ouviu falar, narrados por outros. Daí para a invenção de “eventos”, “fatos” foi um pulo. Estava nascendo a ficção. Só mais tarde surgiram outros tipos de texto, como os filosóficos e os poéticos, pelo menos na feição formal que passaram a ter.

5. Discussão

Deve ter ficado patente desde o início que o texto pode ser oral ou escrito, talvez mais oral do que escrito, sobretudo no dealbar das sociedades humanas. Mesmo assim, grande parte das definições de texto que vemos por aí fala em texto escrito. Nossa cultura o supervaloriza. Tanto que já os latinos diziam que *verba volant, scripta manent* “as palavras voam, a escrita fica”. No entanto, nas culturas étnicas tradicionais (africanas, ameríndias, polinésias etc.) o que existe são “as palavras”, ou seja, a oralidade. A tal ponto que o sábio maliano Hampaté Bâ disse que quando morre um ancião na África é como se uma biblioteca inteira se queimasse.

Com o advento da galáxia de Gutenberg, ou seja, a invenção da imprensa, a escrita passou a ter uma enorme importância para nossa cultura, uma vez que guarda textos de modo relativamente econômico, frente aos manuscritos. Tornou-se possível a existência de diversas cópias do “mesmo” texto. Há uma diferença muito grande em relação à pintura e à escultura, que não admitem “cópias”. Estas até podem ser feitas, mas são altamente malvindas. Fazer cópia de um quadro de um pintor famoso e tentar vendê-la como se tivesse o valor do original é até considerado crime. Nesse sentido, o texto se assemelha mais a uma peça musical, que pode ser reproduzida em diversas partituras e ser representada de diversas maneiras, sem que se pense que se trata de uma fraude. Pelo contrário, é perfeitamente legítimo.

Por fim, gostaria de dizer que a superênfase dada ao texto, frente à fala natural, dialógica, é reveladora da visão de mundo capitalista ocidental, que valoriza mais os artefatos criados pelos humanos do que os “produtos” da natureza. A tal ponto que o ex-primeiro-ministro italiano Aurelio Peccei, presidente do Clube de Roma, disse que os humanos dão mais importância ao mundo artificial que criaram do que ao mundo natural que os criou. Os textos são criação humana, logo, são artificiais relativamente à interlocução, que é a situação prototípica, primeva da linguagem humana. A interação comunicativa, que é a essência da língua, é também sua faceta mais próxima do natural. Com efeito, todo ato de interação comunicativa (AIC) se dá entre duas pessoas de carne e osso, em um lugar físico determinado e em determinado momento do tempo. O processo como um todo constitui a ecologia da interação comunicativa (EIC). O AIC é visto como um todo, um processo. O texto é, ou deveria ser, produto de atos de interação comunicativa, o que significa que ele está, ou deveria estar, inter-relacionado com o todo da EIC.

6. Exemplo de diálogo convertido em texto narrativo

O texto a seguir é, na verdade, um misto de diálogo com descrição e narração. Ele foi narrado por Amadeu Cassiano, semianalfabeto, conhecido localmente como o Ferro Veio, da localidade de Major Porto, município de Patos de Minas (MG), em 1973. Apresento-o primeiro na versão original, tal qual Ferro Veio o narrou. Em seguida, apresento uma versão “monológica” dele feita

por mim, transformando o discurso direto em discurso indireto. Por fim, exponho essa segunda versão em português estatal, normalmente chamado de “português padrão”.

O PIDÃO, O LADRÃO E O ASSASSINO

Texto 1: Dialógico

Um homem (H) recebeu a visita de um estranho (F), que disse pa ele:

- F: Ocê tem três fio. Todo os três com a sorte muito rúim.

- H: Mais, por que que o senhor sabe que a sorte dees é rúim?

- F: Uai, porque um vai sê pidão, o oto vai sê ladrão e o oto vai sê assassino. O home ficô muito dimirado e disse:

- H: Isso num é possive, não pode ser! Meus fio é tudo ativo, vô estudá es tudo.

E garrô estudô os menino tudo, gastô quase tudo que tinha pa estudá os menino. Um formô pa padri, oto pa divogado e oto pa dottor. I formô tudo.

Passado uns vinte e tantos anu, já tava tudo home, habilitado, cada um nos seus ofiço. Chegô o estranho lá travez:

F: Cum é que é?

Texto 2: Descritivo-narrativo

Um dia um home recebeu a visita de um estranho que disse pra ele que seus treis fio ia tê uma sorte muito rúim. Aí o home perguntô porque ele pensava assim. O estranho respondeu dizeno que um ia sê pidão, o oto ia sê ladrão e o oto ia sê assassino. O home ficô dimirado e disse que isso não era possive porque seus fio era tudo ativo e ele ia estudá es tudo. E garrô estudô os menino tudo, gastô quase tudo que tinha pa estudá os menino. Um formô pa padri, oto pa divogado e oto pa dottor. I formô tudo. Passado uns vinte e tantos anu, já tava tudo home, habilitado, cada um nos seus ofiço, o home chegô lá travez e perguntô o que os treis menino tinha virado.

Texto 3: Adaptação para o português estatal

Certa feita um homem recebeu a visita de um forasteiro, que disse que os três filhos de seu anfitrião teriam uma sorte muito ruim. Por isso o homem quis saber porque ele sabia que a sorte deles seria ruim. O visitante acrescentou, após um "uai", que um seria pidão, outro seria ladrão e o outro assassino. O anfitrião achou que isso era um absurdo, que não havia como saber isso de antemão. Afinal, seus filhos eram muito inteligentes e ele iria lhes dar estudo.

É o que o anfitrião fez, pôs os filhos em boas escolas, gastando quase tudo que tinha. Um se formou como padre, outro como advogado e outro como médico. Enfim, todos se formaram. Passados uns vinte e tantos anos, estando os filhos já todos habilitados em suas respectivas profissões, o forasteiro os visitou de novo. Ele se virou para o anfitrião querendo saber qual era a profissão de cada um de seus filhos. Foi aí que ele se deu conta de que o visitante lhe havia dito que seus filhos seriam, respectivamente, pidão, ladrão e assassino.

Essas três versões do texto são interessantes no presente contexto. Elas representam um movimento que vai do que é mais natural na linguagem ao que é menos natural. A primeira apresentação do evento (Texto 1) fez uso intensivo de diálogo, apenas entremeando-o de

passagens explicativas, tal como acontece em uma peça de teatro que, talvez, seja o texto mais próximo do ideal linguístico-ecossistêmico. A segunda versão (Texto 2) simplesmente converte a exposição dialogada em descrição-narração, o que seria um distanciamento de primeiro grau do ideal ecolinguístico. A terceira versão (Texto 3) representa é um distanciamento de nível três, bem mais distante de um fluxo interlocucional.

7. Observações finais

O tema “padre pidão” era relativamente comum no local naquela época. O de “advogado como ladrão”, embora um pouco menos, também era comentado na mesma época. O que é preciso explicar é porque o médico foi encarado como “assassino” na história. É que por volta da década de quarenta e cinquenta do século passado estive no local um tal de Agripa Vasconcelos que se dizia médico. Ele teria “matado” várias pessoas, fazendo cirurgias a frio, sem nenhuma anestesia. Depois, ele se tornou um famoso escritor, chegando a membro da Academia Mineira de Letras. Esse tema hoje em dia não apareceria em narrativas locais, pois a memória da presença desse “médico” já se apagou. Isso aponta para o fato de o texto estar intimamente ligado ao cenário em que foi produzido. Não apenas a ecologia da interação comunicativa em que emergiu, mas também a comunidade de fala em que a EIC se deu.

Como o texto dialógico é produzido em uma EIC concreta, muita coisa fica subentendida. Com isso, ele parece um tanto cheio de “lacunas”, de elipses, anacolutos e outras características. Na interação comunicativa o que importa é o entendimento, portanto, tudo que pode ser omitido em um AIC concreto geralmente é omitido. Os interlocutores compartilham muitas informações, de modo que dificilmente há incompreensões, incomunicação. Em suma, o texto espontâneo é o dialógico. O narrador preferiu a forma normal de uso da linguagem, o diálogo, mesmo que parcialmente. Ele poderia ter contado a história já como se vê na versão monológica que eu fiz, sob a forma de texto narrativo. No entanto, ficou no que é mais natural na linguagem, a interlocução.

Uma outra prova de que a interlocucionalidade é a situação normal da linguagem é que pode acontecer de a criança fazer “narrativas” a quem estiver por perto apenas pela interação pessoa-pessoa, ou seja, sem se referir a algo, a interação pessoa-mundo. É o caso de Aninha, que com aproximadamente um ano de idade

imitava o ritmo das narrativas que ouvira, às vezes usando apenas marcadores de discurso como “aí”, ou seja, sem usar palavras. Isso mostra mais uma vez que a essência da linguagem é a interação. Aninha estava “narrando-interagindo”, mesmo sem se referir a nada, apenas obedecendo as regras interacionais da língua. Isso mostra, adicionalmente, que o ritmo da narração é muito importante, a tal ponto que a criança o aprende antes de ser capaz de narrar fatos efetivamente ocorridos. O texto monológico está bem distante dessa situação prototípica.

Eu gostaria de salientar que minha intenção não foi desvalorizar o texto. Nos dias atuais, ele é parte integrante de nossas vidas, assim como os produtos dos supermercados. O linguista marxista italiano Ferruccio Rossi-Landi trata da língua como “trabalho” (interação) e como “mercado” (comunidade). As mensagens e os textos seriam “mercadorias”. De acordo com ele, “são as mensagens [=textos], não as palavras, que correspondem às mercadorias” (Rossi-Landi 1985: 163), embora às vezes ele deixe transparecer que as palavras também são mercadorias. Em outra passagem, o autor diz que “as palavras são, portanto, homólogas às partes constitutivas de um utensílio” (p. 191). O que eu quis mostrar é que o texto não é a manifestação mais natural da atividade linguística. Ele é um produto tardio, derivado, embora atualmente imprescindível para nossa civilização.

Nota

*Mesmo quando se tratar de texto escrito, preservo o símbolo F e O para emissor e receptor, respectivamente, para ressaltar o caráter originária e primordialmente oral da linguagem e de suas manifestações. Isso se justifica porque uma vez que determinado termo ou símbolo é introduzido no contexto de um modelo teórico, passa a ter exclusiva e univocamente o valor que lhe foi atribuído na teoria. De alguma forma ele se liberta de sua origem.

Referências

- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: HUCITEC, 1981, 2ª ed.
- COUTO, Hildo Honório do. *Ridendo discitur. Littera: Revista brasileira para professor de português e deliteatura de língua portuguesa*, Ano VI, número 16, 1976, p. 32-36.
- _____. *Semiótica da cultura e tradução*. In: Mattos, Delton de (org.). *Estudos de tradutologia* I. Brasília: Kontakt, 1981, p. 9-32.
- _____. *A redação como libertação*. Brasília: Editora da UnB, 1988 (Curso de Extensão Universitária à Distância).
- _____. *As adivinhas crioulo-guineenses: uma perspectiva ecocrítica*. In: ENDRUSCHAT, Annette & Axel SCHÖNBERGER (orgs.) *Portugiesische Kreolsprachen: Entstehung, Entwicklung, Ausbau und Verwendung*. Frankfurt/Main: Domus Editoria Europaea, 2005, p. 107-120.
- _____. *As narrativas orais crioulo-guineenses*. *Papia* 19, 2009, p. 51-68.
- _____. *O tao da linguagem: Um caminho suave para a redação*. Campinas: Pontes, 2012.
- _____. *Linguística ecossistêmica. Ecolinguística: Revista brasileira de ecologia e linguagem (ECO-REBEL)* v. 1, n. 1, 2015. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/erbel/article/view/15135/10836> (acesso: 16/10/2015).
- _____. *Ecossistema cultural*. In: <http://meioambienteelinguagem.blogspot.com.br/> (acesso: 10/07/17).
- COUTO, Hildo H. do; COUTO, Elza K. N. & BORGES, Lorena O. *Análise do discurso ecológica – ADE*. Campinas: Pontes, 2015.
- GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. *Dicionário de semiótica*. São Paulo: Cultrix, 1989, 21ed.
- HALLIDAY, Michael A. K. & HASAN, Ruqaiya. *Cohesion in English*. Londres: Longman, 1976.
- HARRÉ, Rom; Jens BROCKMEIER & Peter MÜHLHÄUSLER. *Greenspeak: A study of environmental discourse*. Thousand Oaks, Cal.: Sage, 1988.

ECO-REBEL

HILGERT, José Gaston. A colaboração do ouvinte na construção do enunciado do falante – um caso de interação intraturno. In: PRETI, Dino (org.). *Interação na fala e na escrita*. São Paulo: Humanitas/FFCL-USP, 2002, p. 89-124.

MARÍAS, Julián. *Introdução à filosofia*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1960.

MATURANA, Humberto; VARELA, Francisco. *A árvore do conhecimento: As bases biológicas da compreensão humana*. São Paulo: Palas Athena, 9ed., 2011.

MEY, Jakob L. Sequencialidade: por uma ecologia do texto. *Ecolinguística: Revista brasileira de ecologia e linguagem (ECO-REBEL)*, v. 2, n. 2, 2016, p. 4-14. Disponível em:

<http://periodicos.unb.br/index.php/erbel/> (acesso: 04/10/2016).

ROSSI-LANDI, Ferruccio. *A linguagem como trabalho e como mercado*. São Paulo: DIFEL, 1985.

TODOROV, Tzvetan. O texto. In: DUCROT, Oswald; TODOROV, Tzvetan. *Dicionário enciclopédico das ciências da linguagem*. São Paulo: Perspectiva, 1988, p. 267-271.

Recebido: 20/05/2017

Revisado: 10/07/2017

Aceito: 15/07/2017.

Ecolinguística: Revista Brasileira de
Ecologia e Linguagem (ECO-REBEL), v. 3, n. 2, 2017.